

O MESTRE E O PROFESSOR: UMA QUESTÃO DE POSTURA

*Elvisney Aparecido ALVES**

- **Resumo:** Os resultados do processo de ensino dependem muito da postura adotada pelo professor. O professor dominador subjuga os alunos e limita o desenvolvimento das suas capacidades de análise crítica; torna-se um mero repassador tradicional de conhecimento. Por outro lado, um professor libertador, aquele que busca compartilhar o processo de aprendizagem com os alunos, participa de uma experiência extremamente fértil de análise crítica; torna-se um mestre.
- **Palavras-chave:** Aprendizagem, análise crítica, professor dominador e o mestre libertador.

Introdução

A Pedra de Toque da qualidade educativa é o professor.
(Demo, 1993, p. 88)

No campo da educação, estamos produzindo e divulgando o conhecimento vinculado à formação e desenvolvimento do indivíduo-cidadão. É um processo contínuo e dinâmico do saber produzido através da ciência que é chamado de *saber elaborado*, e transcende o simples saber baseado nas ações e experiências cotidianas particulares, o senso comum. A educação é, então, uma produção não

* Mestrando em Administração - Gestão Empresarial; Prof. da FACEF.

material e o ensino é o processo voltado para a difusão e a assimilação do conhecimento acumulado e sua análise crítica. Nesse sentido, é fundamental a existência de um diálogo aberto, permanente e comprometido com o meio social, com o mundo e sua modernidade, mas, principalmente, com o próprio homem, a fim de viabilizar um ensino eficaz às necessidades humanas.

O desenrolar do processo de ensino coloca frente a frente dois agentes principais: o educador e o educando. É sobre o primeiro que recai minha atenção, mais precisamente, sobre a *postura* deste profissional da área de ensino que é requerido, a fim de garantir o aprendizado crítico, ativo e questionador por parte do estudante de nível superior.

A questão nos coloca diante do objetivo maior deste processo de aprendizado que, certamente, não é a mera reprodução do conhecimento passado. Na verdade, estamos diante da aprendizagem que conduz à *emancipação da pessoa*, cria o homem sujeito que pensa criticamente aquilo que está escrito diante da realidade observada. Para tanto, será necessário que os atores do processo de ensino adotem uma postura realmente contributiva, favorável ao contínuo desenvolvimento intelectual humano pretendido.

Sendo assim, a proposta a ser analisada neste artigo não pretende exaurir o papel do educador, mas visa a contribuir para o debate acerca da *conduta* particular deste profissional, enquanto agente pró-ativo no processo de aprendizagem, contribuindo para uma análise crítica daquilo que é objeto de ensino.

O professor que não devemos ser: os velhos paradigmas

(...) a autoridade do professor deveria provir da competência em termos de produção própria, não de uma formalidade, geralmente vazia. (Demo, 1993, p.137)

Infelizmente, ainda nos dias atuais, vemos professores que adotam uma postura autoritária, fechada e voltada para o domínio intelectual dos alunos. O diálogo não faz parte do seu cotidiano

didático e a relação de superioridade do professor sobre os alunos transparece como sendo o único objetivo a ser confirmado durante as aulas. Na verdade, as aulas se transformaram em verdadeiros monólogos, momentos de fervorosa oratória para satisfazer o ego do professor, pior ainda, o suposto professor pratica o diálogo disfarçado e acredita que está no caminho correto para viabilizar o ensino adequado para os alunos.

Segundo Paulo Freire:

A educação sempre tem uma natureza diretiva, que não podemos negar. O professor tem um plano, um programa, um objetivo para o estudo. Mas existe o educador diretivo libertador, por um lado, e o educador diretivo dominador, por outro. (Freire; Shor, 1986, p. 204)

O professor dominador se confunde e faz uso do seu poder diretivo para exercer o domínio sobre os alunos, definindo claramente o caráter hierárquico da relação professor-aluno. Ele se impõe pela ilusão hegemônica intelectual, esquecendo-se do seu aspecto temporal, pois, ele mesmo, já fôra aluno um dia. Alçado nesta posição de professor, toma posse da educação como se fosse sua,

(...) o educador dominador mantém nas mãos os objetivos da educação, o conteúdo da educação e o próprio poder diretivo da educação. (Freire; Shor, 1986, p. 204)

As conseqüências práticas do ponto de vista da metodologia utilizada no processo de ensino ganham contornos tradicionais, são de ordem apenas *dedutiva* e criam uma relação perversa entre professor e aluno.

O professor é quem detém o monopólio do saber, e o aluno paga e se sacrifica para obter uma parcela daquele saber. Essa relação reforça a autoridade intelectual do professor, na medida em que reduz ainda mais o aluno à sua própria ignorância. (Freire; Betto, 1985, p. 77)

A dependência está criada, o professor ensina e o aluno

aprende o que lhe é oferecido. A hierarquia está estabelecida, o professor manda porque *sabe mais* e o aluno deve obedecer ao saber incontestemente transmitido pela aula ministrada. Através da aula ocorre o *repasso* do conhecimento a ser adquirido pelos alunos, aliás, esse professor é um perito na arte de repassar, de repetir e disto muito se orgulha. Nas considerações de Pedro Demo:

Muitos professores se esmeram nesta tarefa e também podem ser apreciados por isso. Entretanto, tomaram-se figuras do passado e vivem da relação arcaica ensino/aprendizagem. (Demo, 1993, p. 136)

Como é possível observar, a relação de aprendizagem existe para um fim bem claro, propiciar ao aluno a oportunidade de absorver o conhecimento, e o estilo de ensino adotado pelo professor está centrado no próprio ensino (ou no próprio professor) em oposição ao estilo centrado na aprendizagem (ou no aluno). Tais elementos reforçam o grau de dependência do estudante, promovendo a distinção entre o estilo de ensino centrado no professor em oposição ao estilo centrado no aluno.

O primeiro é tipicamente aquele no qual o professor faz consideravelmente mais do que o aluno em sala de aula, falando, dirigindo, explanando, mostrando, estruturando objetivos, escolhendo e designando, avaliando; ao aluno se pede que acompanhe estas atividades, anote, esteja atento. Isto caracteriza um aluno passivo. (Abreu, 1982, p. 116)

O papel do aluno foi relegado a segundo plano, sua função se resume na tarefa de decorar o conteúdo lógico exposto pelo professor, nada mais. Nas palavras de Pedro Demo:

As escolas são lugares de "decoreba" onde o aluno é tangido para a domesticação. Por vezes internaliza coisas, ajunta na cabeça um monte de informações, aprende pedaços do conhecimento, mas não os ajunta, sistematiza, questiona, reconstrói... (Demo, 1994, p. 100)

Desta forma, a conduta do professor garante métodos de ensino

que caracterizam uma forma de dominação propícia para se *transmitir* aquilo que ele quer, aquela verdade que ele sabe ou pensa que sabe, bem porque, na observação de Pedro Demo,

(...) a grande maioria dos professores só pode "ensinar" porque só "aprendeu", o que leva sempre a reconstruir o relacionamento formal-autoritário entre ele e o aluno, reproduzido no auditório cativo, na prova compulsória, na avaliação intransparente. (Demo, 1993, p. 137)

E, por vezes, é reproduzido na necessária vestimenta refinada do professor que, supostamente, quer fazer representar a sua superioridade em relação aos alunos ou na

(...) avaliação pela prova copiada, acoplada à prepotência de um professor que ainda pode exigir presença, mesmo que suas aulas sejam um atraso. (Demo, 1997, p. 169)

Se necessário, para garantir o total controle da situação, aquilo que o professor não souber explicar ou não tiver resposta pronta e adequada para os questionamentos dos alunos, ainda assim, poderá fazer uso dos limites de seu poder autoritário para silenciar aqueles que pensam diferente de suas teorias ou maneiras de enxergar as coisas, utilizando artifícios do *saber* para desconsiderar ou para constrear a opinião independente do aluno frente a seus iguais.

Em casos extremos, podemos chegar ao absurdo do descontrole emocional por parte do professor diante da turma de alunos da qual ele deveria servir de orientador, servir de exemplo, mas, devido ao enfoque distorcido da sua importante função no processo de aprendizado ou, simplesmente, pela perda de motivação, o professor se perdeu no tempo. Nessas situações, o professor está deixando escapar oportunidade única no sentido da construção do ensino, segundo afirma Lopes:

Numa classe, todas as vezes que o professor se deixa irritar, está perdendo o controle de si mesmo, está gastando energia inutilmente, está sendo derrotado. (1945, p. 46)

Podemos sintetizar nossas observações a respeito deste enfoque, nas palavras de Gadotti:

O professor autoritário não humaniza, mas desumaniza, jamais chama os educandos a pensar, a fazer uma nova leitura de sua realidade. Ao contrário, ele a apresenta como algo já feito, já acabado, ao qual basta simplesmente se adaptar e não transformar. Em lugar de propor aos alunos que se apropriem do conhecimento, ele lhes propõe apenas a recepção passiva de um conhecimento empacotado. (1989, p. 74)

Em resumo, sabemos que o progresso do mundo moderno impõe novos hábitos e mudanças de rotina que não são fáceis de assimilar rapidamente, no entanto, devemos lembrar que: "Um professor rotineiro não pode formar alunos progressistas" (Lopes, 1945, p. 47). Mais que isto, nenhum professor de viés autoritário, de estilo julgador e dono da verdade jamais poderá se dar conta das facetas das verdades que nunca saberá e não poderá criar impulsos reais ao desenvolvimento do espírito verdadeiramente crítico adormecido nos seus alunos.

O mestre que queremos ser: enfrentando os desafios

(...) o professor deve ser a imagem viva do aprender a aprender. (Demo, 1993, p. 89)

Com a finalidade de discorrer sobre tema tão complexo quanto apaixonante é preciso acreditar, enquanto professor, que se está fazendo algo importante e, realmente, fazê-lo, independentemente, das aparentes posições sociais que muitos procuram manter diante das pessoas, sem contudo, estarem inibidas da essência necessária ao progresso democrático, fruto das divergências construtivas. Não se pode admitir que visões tacanhas obscureçam as reais obrigações para com os alunos e com a educação, para então, se perder nas promiscuas relações interpessoais na busca do poder e do *status* pessoal. Será preciso buscar um caminho alternativo, a fim de desvendar a manipulação do real e a formação dos mitos da

sociedade, caminho este que exige *reflexão* tanto por parte do professor quanto do aluno.

A existência da educação institucionalizada delimita uma relação professor-aluno cujo âmbito central é o aprendizado e a reflexão. Aceitar tal proposição é voltar a atenção diretamente ao aluno, enquanto que, ao professor, caberá prover o ensino. Alternativamente, comparados o estilo de ensino centrado no professor em oposição ao estilo centrado no aluno:

O segundo estilo revela o desejo de romper com a situação da classe tradicional dominada pelo professor e encorajar maior participação, iniciativa e responsabilidade do estudante; aqui reduz-se o papel do professor como a fonte fornecedora de informações, eliminam-no como única fonte feedback, diminuem-lhe a oportunidade de providenciar organização e estrutura, pois esta responsabilidade são divididas pelos membros do grupo (alunos e professor), que agora participam mais responsabilmente do processo de ensino-aprendizagem. (Abreu, 1982, p. 116)

(Re)significar o processo de ensino, focalizando o corpo discente, é adotar uma nova pedagogia, impor-se a uma *renovação do espírito* pedagógico que abandonará uma base restrita de especialização e que exigirá também do aluno mudanças radicais, segundo Gadotti, implica alterações onde a lógica,

(...) de espírito mental e de memória, deve ceder lugar a um ensino aberto à pluralidade do saber, no sentido das correspondências, à imaginação e ao espírito de invenção. (Gadotti, 1985, p. 21)

Não estamos querendo dizer que o papel do professor deva ser relegado a segundo plano, pelo contrário, acreditamos que cabe ao professor importante papel neste processo. A verdadeira discussão, ocorre a partir das considerações sobre a necessidade de uma *aula pertinente* que deve representar o conhecimento atualizado e em processo de atualização constante, da qual flui, ao mesmo tempo, instrução e motivação à produção. (Demo, 1993, p.135-136)

Estamos diante do grande desafio desse profissional chamado professor: adotar postura e métodos pedagógicos capazes de difundir e propiciar análise crítica de conteúdos teóricos sempre atualizados. Sabemos que todo professor é um especialista em sua disciplina, contudo, manter-se atualizado na sua área não é a única tarefa. Mais que isto, para tornar-se um mestre, na sua totalidade, deverá percorrer áreas afins, tornando possível fazer incursões que estimulem interfaces daquele conhecimento específico com outras disciplinas. Se somente isto não bastasse, ainda assim, deverá o mestre ser capaz de adotar uma postura profissional que torne possível criar um clima favorável ao aprendizado facilitado - em sala de aula e fora dela (quando o aluno estiver sozinho na sua tarefa de compreensão).

Numa análise mais específica, estamos diante de dois grandes desafios deste profissional chamado professor: primeiro, manter-se atualizado; segundo, escolher o expediente didático. De imediato, isto significa reconhecer que o professor é um eterno estudante. Nas considerações de Demo:

A referência essencial, de todos os métodos, é a aprendizagem do aluno, ou seja, ser professor é substancialmente saber fazer o aluno aprender. Dar aula é um evento, nada mais. (Demo, 1997, p. 163)

E reforça o caráter dinâmico dos métodos didáticos utilizados pelo professor, ao expor estes desafios na afirmação:

Quem realmente está interessado na aprendizagem do aluno e sabe que esta aprendizagem se potencializa, tanto mais, quanto melhor for a aprendizagem no professor, organiza-se de outra maneira muito distinta. (Demo, 1997, p. 163)

Fica claro que o fundamental passa a ser o esforço que o aluno fará para reconstruir aquele problema proposto pelo professor. No entanto, compete ao orientador de estudo coordenar seus esforços direcionados para a atualização contínua e o uso do método didático adequado para tal.

Somente a partir deste quadro poderá o aluno abandonar a

condição de *objeto da aprendizagem*, parar com a mera cópia das infindáveis teorias que ele, às vezes, nem sabe aonde o levará, para então tentar exercer papel ativo na construção e reconstrução do saber científico sob a orientação de um professor preparado. Esse novo professor mostra aos alunos os "caminhos de como se podem dominar temas com autonomia" (Demo, 1993, p. 135). O aluno passa a ter consciência de que a aula não substitui a leitura e a dedicação na elaboração do tema, que são essenciais para o saber pensar. Ademais, nas palavras de Demo (1993, p. 136), "Aula para repasse serve apenas como gancho institucional. Não educa (...)."

A execução desta tarefa requer inúmeras qualidades na pessoa do mestre e implica a necessidade de importantes conseqüências pedagógicas presentes no processo do aprendizado. Adiante, são relacionados três amplos objetivos para uma conduta salutar do mestre no processo de ensino, na direção de uma educação revigorada e imbuída de espírito acadêmico:

a) **Diálogo aberto, sincero e responsável:** "O diálogo verdadeiro pressupõe a experiência do outro, tal como ele a sente." (Gadotti, 1985, p. 55)

A experiência na educação leva o educador a fazer uso do diálogo, a fim de se fazer expressar e poder compreender o aluno. Este é o ponto de partida e irá requerer o envolvimento das partes – orientador e orientando. Somente a partir deste envolvimento, será possível uma participação ativa de ambos, principalmente, aquela que nos interessa que ocorra no processo de ensino, a do aluno. Esta relação não implica que o aluno tenha que abdicar daquilo que ele é e, muito menos, que o professor tenha que se impor pela verdade daquilo que está dizendo.

Ao dialogar, o mestre deverá procurar expressar-se numa atitude aberta e sem reservas, somente assim, buscando encontrar no reconhecimento da outra parte um parceiro, *em pé de igualdade*, ambos poderão *testemunhar seus valores ao outro*, pois, o diálogo é a única voz que pode educar. Nas palavras de Gadotti, em referência ao grande mestre, "na concepção de Paulo Freire, o diálogo é uma relação horizontal". (1989, p.66)

Fica claro reconhecer que, através do diálogo, ocorre a interação professor-aluno e cabe aqui reconhecermos um alerta de Gadotti, "O silêncio jamais pode ameaçar o verdadeiro diálogo. Existe uma participação ativa mesmo no silêncio". (1989, p. 55)

Desprezar o verdadeiro diálogo é fazer uma opção pela suposta verdade das teorias que proferimos em sala de aula. É esquecer que mesmo a teoria estando correta, de nada adiantaria tal saber se este permanece incompreendido. Pior ainda, é acreditar na certeza absoluta como se esta existisse. O diálogo nos conduz ao debate aberto, sincero e responsável que precisamos ter diante dos alunos, nos obriga a reconhecer nossas próprias limitações e incertezas. Nas palavras de Marques:

Na medida em que o professor é suficientemente flexível para aceitar suas incertezas, fazendo decisões alternativas, incorporando inovações e continuamente modificando seus desempenhos será ele capaz de ser uma influência benéfica para seus alunos e companheiros de jornada. Na medida em que o professor cristaliza posições, firma metodologias e unifica verdades, ele deixa de caminhar e, portanto, de ser uma força no dinamismo das interinfluências de que se toma o conjunto dos elementos que definem o ensino. (1975, p. 5)

Ao reconhecer e assumir suas responsabilidades de mestre frente àqueles que lhe foram entregues, aceita também a responsabilidade de procurar a verdade através do estudo infundável, da pesquisa e do debate. Então, descobre que a verdade é mutável, é complexa e que é impossível dizê-la com exatidão. Esse é um passo importante para a construção do mestre.

Esta renúncia à certeza que cega, desenvolverá um espírito de humildade, que se firmará em desejo de colaboração. Este novo profissional tenderá a ser um homem do diálogo, em constante diálogo consigo mesmo e com o outro. Uma tal consciência tomada de sua própria insuficiência não impedirá, mas, pelo contrário, favorecerá a confiança em si, a audácia conquistadora do espírito, certo de que a busca da verdade não se acabará nunca. (Gadotti, 1985, p. 17)

O professor precisará reconhecer que não é um superior hierárquico do aluno e, muitas vezes, terá que se calar para que os alunos possam se manifestar livremente. Esta postura implica reconhecer o aluno e seus valores como de fato são. Significa ganhar o respeito deles e compartilhar os nossos valores, ainda que, correndo todos os riscos, sejam conflitantes entre si.

b) **Respeito e apreço pelos alunos:** "Os professores devem ter o máximo interesse em cultivar a cortesia, a verdadeira cortesia a que nasce da sinceridade." (Lopes, 1945, p. 39)

Como é possível ser um orientador se não respeitarmos o aluno? Certamente não chegaremos a ser verdadeiros mestres sem reconhecer no aluno alguém que queiramos respeitar. Mais que isto, é preciso ter verdadeiro apreço e simpatia pelos seus alunos. Esta não é uma tarefa fácil, pois, possivelmente, haverá situações de atritos e competições numa sala de aula; ademais, muitas vezes, o ser humano é levado pelos seus sentidos mais íntimos a desprezar alguns daqueles em que não reconhece atitude que considera digna. Cabe ao professor reconhecer que tais elementos são inerentes à própria natureza humana e tentar contorná-las habilmente.

O professor terá que aprender a aceitar cada um de seus alunos como eles realmente são: seus sentimentos, suas opiniões, suas fraquezas, enfim, sua pessoa humana. Não haverá outro caminho que não ir ao encontro do aluno numa relação direta de pessoa para pessoa. Aceitar as diferenças dos outros é um passo difícil, mas obrigatório para um mestre. Nesse contexto, a liberdade de expressão novamente é fator preponderante na construção do saber e do respeito mútuo. Sabemos que, enquanto seres humanos, não somos perfeitos, o professor também é um ser humano e enquanto tal cometerá seus erros. Reconhecer que temos limitações é reconhecer que elas, mais cedo ou mais tarde, ficarão à mostra na medida em que avança o convívio com os alunos. De nada adiantará querer parecer ser superior ou servir de modelo, não somos perfeitos,

Assim, o professor, como modelo ou exemplo, não precisa ficar

desanimado ou ser desencorajado pelo seu desmerecimento em ser um exemplo perfeito. Naturalmente, ele não pode sê-lo e talvez não seria bom se pudesse ser perfeito. Na verdade, sua imperfeição pode ser um meio de crescimento para ele e para os seus estudantes. (Earl; Young, 1970, p. 84)

O professor pode e deve aprender com os seus erros. Admiti-los será um grande exemplo aos seus alunos, tentar escondê-los será um erro. Adotar esta postura, pode auxiliar na construção de um educador verdadeiro. Nas palavras de Freire e Shor,

O educador libertador é diferente do domesticador porque se move, cada vez mais, no sentido daquele momento em que se estabelece uma atmosfera de camaradagem na sala de aula. Isto não significa que o professor seja igual aos alunos ou que se torne igual a eles. Não. O professor começa de forma diferente e termina diferente. (Freire; Shor, 1986, p. 204)

A prática de educação toma outra forma, aquela que cria condições para o respeito mútuo. As diferenças passaram a se manifestar sem constrangimentos ou atritos,

As diferenças entre educador e o educando se darão "numa relação em que a liberdade do educando não é proibida de exercer-se", pois essa opção não é, na verdade, pedagógica mas política, o que faz do educador um político e um artista, e não uma pessoa neutra. (Gadotti, 1989, p. 67)

Um detalhe é importante que não seja esquecido pelo professor, cada aluno é diferente do outro e carece de atenção o mais individualizada possível. Ao perceber estas diferenças particulares será possível demonstrar consideração direcionada e que será muito valorizada pelo próprio aluno.

O professor pode considerar a classe como um todo, mas de modo especial tem que tratar cada aluno em particular. Ele deve estar interessado na classe como um todo e, ao mesmo tempo, nos problemas particulares de cada aluno". (Lopes, 1945, p.63)

Ao conseguir fazer esta distinção, o professor estará contribuindo para o despertar daquele aluno em particular. O aluno não será apenas mais um dentro da sala de aula, ele sabe que o professor reconhece sua presença, mais que isto, passa a existir a condição do aluno se auto-afirmar,

(...) o mestre chama o discípulo à existência. Desencadeia nele o desejo de provar aos outros e a si mesmo a realidade e o valor da sua própria existência. (Gadotti, 1985, p.62)

c) Compreensão, paciência e determinação: "O grande livro do qual todos nós aprendemos é a realidade, é o mundo. E o mundo, a realidade são contraditórios." (Gadotti, 1989, p. 130)

Por pior que sejam os acontecimentos, no mundo e nas relações de ensino, o professor precisa manter seus olhos voltados para um ideal: o sucesso do próprio aluno. Somente aceitando o fato de que o professor é um meio para que o estudante faça a experiência do seu aprendizado, poderá o orientador convidar o educando a pensar, refletir e tomar consciência das coisas. E estar consciente é repensar o mundo e sua história pelo seu prisma individual (do aluno). Dessa forma, o mestre deverá manter-se otimista nas suas convicções voltadas para tornar melhor as condições de aprendizado do aluno, pois, "O pessimismo é uma atitude negativa. O pessimista não pode jamais ser bom professor." (Lopes, 1945, p. 41)

É certo que o comportamento do professor influenciará o aluno, pelo menos, no início de sua formação intelectual. As características pessoais do professor, sua forma de ser e agir exercerá alguma influência sobre o aluno, portanto, caberá ao mestre ter cuidado nos seus julgamentos e na sua postura, mesmo quando estiver abatido pelos insucessos da vida.

Isto não significa dependência total do aluno frente ao professor, certamente, aquele terá sua própria personalidade, aflorando a cada dia durante o aprendizado.

O comportamento do professor influenciará grandemente o estudante, mas cada estudante deveria ser encorajado, e até mesmo estimulado, a desenvolver seu estilo pessoal de vida. (Earl; Young, 1970, p. 83)

Ao desenvolver o gosto de conviver com os alunos, o mestre precisa tentar compreender as reações particulares do aluno e deixá-lo o mais à vontade possível, sem prejudicá-lo. Será preciso estabelecer uma compreensão empática com os alunos, por mais difícil que esta seja. Sabemos que não é possível deixar de pensar nas bases de nossos valores individuais, mas reconhecer a necessidade de compreensão dos valores do próprio aluno, e aceitá-los é um passo fundamental nesta parceria. Sem paciência, isto jamais será realidade e muito teremos perdido ou sufocado na individualidade daquele nosso amigo.

Ao mestre impõem-se enormes desafios: compreender o aluno nos seus valores, reconhecer neste suas limitações teóricas e tentar fazê-lo observar outros mundos, mesmo que para isto, algumas vezes, ambos tenham que debater e defender arduamente suas posições.

O professor capacitado ou o professor incomum tem reservas de amor, está constantemente se relacionando com o mundo, inclusive com as dificuldades, amorosamente. Tem os seus objetivos afetivos inteiros e é capaz, por isso, de transferir amor, o que se irradia em todo o seu relacionamento. É um homem capaz de brigar, mas, mesmo brigando, o faz com amor. (Marques, 1975, p. 14)

A determinação em querer deixar de ser professor para ser mestre não deve gerar motivo de apreensão. A tarefa é de grandes responsabilidades e desafios, mas é compensadora. Cabe aqui reconhecer que dedicação à arte de ensinar é apenas um, dentre vários desafios, aquele que demanda tempo. Infelizmente, às vezes, esquecemo-nos das coisas simples e perdemos os ideais de vista. Ao fazê-lo, continuamos a ser apenas professores que ensinam os alunos.

É preciso perceber que, modernamente, o professor que apenas ensina será substituído pelas instrumentações eletrônicas, muito mais eficientes na reprodução. O professor continuará insubstituível como formulador, organizador, revisor, atualizador dos conteúdos a serem socializados, o que exige atitude de sujeito crítico e criativo. Sobretudo isto é válido na educação

superior, onde a construção de conhecimento próprio e atualizado torna-se desafio essencial. Ai, professor que apenas ensina vai tomando-se sucata. (Demo, 1993, p. 155)

Muitos professores poderiam questionar as limitações da nossa atuação sobre o sucesso dos alunos. Reconheço que grande parte desta tarefa cabe ao próprio aluno, "o primeiro agente do processo educativo", mas devemos reconhecer também nossa quota de responsabilidade enquanto agentes estimuladores do desenvolvimento pessoal. Cabe, nesta discussão, um parecer de Almeida:

Convém às classes dominantes que o professor interiorize que ninguém ensina nada a ninguém. Assim, a própria Universidade se desobriga do ensino, do preparo do cidadão. Todos os fracassos passam a ser creditado as pessoas, individualmente. (1986, p. 148)

Para finalizar, mesmo sabendo que alguns de nós, ainda meros professores, interpretaram estas observações como impraticáveis no mundo real, utópicas, ainda assim, devemos acreditar na construção do mestre. Permanece o desafio.

O professor ideal é o que procura constantemente marchar para o ideal. É o que, inspirado por um profundo amor à humanidade, busca sempre ampliar os seus conhecimentos, adotar métodos mais eficazes, entregando-se, com verdadeiro entusiasmo e paixão à tarefa de cada dia, numa ânsia de melhor servir os seus discípulos... (Lopes, 1945, p. 129)

Conclusão

Podemos identificar pela postura do professor no processo de ensino dois tipos de educador: o dominador e o libertador. O primeiro denominei de professor, o segundo de mestre. Enquanto o primeiro impõe limites ao desenvolvimento intelectual e a percepção crítica do aluno, sem perceber ou sequer se importar com próprio educando, o segundo busca a emancipação do indivíduo e sua participação ativa ao

longo do processo de aprendizagem. O verdadeiro mestre, o professor ideal, adota uma postura voltada para o diálogo aberto e sincero com os alunos, demonstrando todo o seu respeito e apreço aos mesmos, de tal forma, que procura atingir seus objetivos pelo uso da compreensão, paciência e determinação.

ALVES, E. A. The Education and the Teacher: an issue of attitude. *FACEF Pesquisa*. Franca, v.3, n.1, p. 45-61, 2000.

- Abstract: The pedagogic results of the teaching process depend on the professor's attitude vis-a-vis his the students. Teachers that adopt a dominating attitude inhibit their students' capability of critical thinking; they become mere conduits of traditional knowledge. On the other hand, teachers that share the learning process with their students participate in a very fertile experience of critical thinking ; they become real educators.
- Keywords: Learning process, critical thinking, traditional teachers and real educators

Referências Bibliográficas

ABREU, Maria Célia Teixeira Azevedo de. *O professor universitário em aula: prática e princípios teóricos*. São Paulo: Cortez, 1982.

ALMEIDA, Guido. *O professor que não ensina*. São Paulo: Summers, 1986.

DEMO, Pedro. *Conhecimento moderno sobre a ética e intervenção do conhecimento*. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. *Educação e qualidade*. Campinas: Papyrus, 1994.

_____. *Desafios modernos da educação*. Petrópolis, Vozes, 1993.

FREIRE, Paulo; BETTO, Frei. *Essa escola chamada vida*. São Paulo: Ática, 1985.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. *Medo e ousadia: o cotidiano do professor*.

Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

GADOTTI, Moacir. *Comunicação docente*. 3.ed. São Paulo: Loyola, 1985.

_____. *Convite à leitura de Paulo Freire*. São Paulo: Scipione, 1989. (Série Pensamento e Ação no Magistério).

LOPES, Luciano. *O professor ideal*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1945.

MARQUES, Juracy Cunegatto. *Os caminhos do professor: incerteza, inovações, desempenhos*. Porto Alegre: Globo, 1975.

PULLIAS, Earl V.; YOUNG, James D. *A arte do magistério*. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.